

Dois

Matéria de Capa — *Produtores de Brasília encontram dificuldades na captação de recursos para seus trabalhos*

LUTA POR PATROCÍNIO É ÁRDUA

INTEGRANTE DO JOGO DE CENA (ESPAÇO ABERTO UMA VEZ POR MÊS À APRESENTAÇÃO DE SHOWS, ESQUETES E ESPETÁCULOS) DESDE O INÍCIO DO PROJETO, HÁ 13 ANOS, JAMES FERNSTERSEIFER TAMBÉM APRENDEU QUE SÓ SE CONSEGUE PATROCÍNIO QUANDO HÁ “AMIGOS” NA EMPRESA EM QUE SE PLEITEIA OS RECURSOS. “CONTINUAMOS COM O JOGO DE CENA PORQUE OS ARTISTAS QUE PARTICIPAM DO PROJETO GOSTAM E NÃO VÊEM OUTRO ESPAÇO IGUAL NA CIDADE PARA EXERCITAR A ARTE”, CITA UM DOS MOTIVOS QUE OS MANTÊM FIRMES NESSE PROPÓSITO.

James, 32 anos, iluminador há 14 e produtor há oito, tem mais de 160 espetáculos no currículo de iluminador e se intitula *office-boy* de si mesmo. “É o segredo do sucesso para a arte que não tem patrocínio”, ensina.

Os integrantes do Celeiro das Antas, que concentra as atividades em Taguatinga, elaboram e vendem projetos de espetáculos. Os dez membros do grupo — dos quais oito artistas — estão cientes das dificuldades de se fazer teatro. “Em Brasília a realidade é pouco diferente do resto do País. Falta subsídio, que teríamos se estivessemos na Europa”, reflete Zé Regino.

Jorge Cardoso 5.12.95



Zé Regino, do grupo Celeiro das Antas, de Taguatinga: “Falta subsídio, que teríamos se morássemos na Europa”

O grupo mantém a oficina de produção de textos e projetos, aulas de teatro e outras atividades. “Somos operários. Não podemos nos dar ao luxo de ter crises de criatividade. Por isso, temos sempre um projeto pronto, seja espetáculo ou oficina”, revela Regino.

As portas do Celeiro estão sempre abertas aos cursos de formação de atores. É lá que as idéias “borbulham”. Regino, que se queixa da falta de política cultural na cidade, conta que já propôs à direção da Fundação Cultural a criação de banco de profissionais, disponí-

veis para trabalhar com os grupos. “Também já propus que fizéssemos espetáculo num canteiro de obras, patrocinado pelo Sindicato da Construção Civil. Disseram que eu estava maluco”, revela o diretor de 36 anos, 16 deles dedicados ao teatro. (Socorro Ramalho)